

Período de seca faz a cidade parecer o deserto do Saara

por Ivone Santana
de Brasília

Todos os anos, quando vai chegando o mês de julho, o brasiliense começa a sentir uma preguiça incontrolável. A indisposição se arrasta ao longo de agosto e setembro e a maioria das pessoas só tem em mente nadar, tomar um banho refrescante ou se abandonar em uma sombra. É a época da seca em Brasília, quando nas fases mais agudas a umidade relativa do ar cai de 30% para 12% e a temperatura ultrapassa os 30 graus. Pode parecer até engraçado e com uma grande dose de indolência, mas é sério. Os casos de doenças respiratórias na população local aumentam em torno de 40%.

As vítimas potenciais são as crianças, explica o médico Aluisio Caetano Coutinho, chefe da unidade de pediatria do Hospital Regional Asa Sul (HRAS). Durante a seca, o hospital chega a atender 6 mil crianças por mês, só no Plano Piloto — área central da cidade. As principais doenças são pneumonia e bronquite asmática, transmitidas através do ar, principalmente onde há aglomeração de pessoas. A poeira é um forte elemento de condução desses microorganismos.

Os sintomas da baixa umidade são dor de cabeça, tontura, indisposição, ressecamento do nariz e mal-estar geral. Isso, entretanto, não leva a criança à emergência, e sim as consequências da seca. O índice de chuva diminui e piora as condições principalmente da população

de baixa renda, que vive nas cidades-satélites. Nessas áreas; o povo não tem como saturar mais o ar; geralmente tem deficiência na higiene, por falta de saneamento básico, na alimentação, o que reduz a resistência a doenças, e vive em promiscuidade — muitas pessoas num pequeno ambiente, facilitando a proliferação de microorganismos.

Sofre o pulmão e toda a árvore respiratória, diz o chefe da pediatria. Os mais atingidos são os alérgicos e os que têm maior predisposição às infecções, incluindo-se em grande número também os idosos. “O problema é médico, porém mais intensamente político”, observa Aluisio Coutinho. “O ideal seria haver infra-estrutura adequada para todos, evitando as infecções”, afirma ele. O mal-estar geral, porém, assola praticamente toda a população.

Para reduzir os efeitos da baixa umidade, o médico recomenda que as pessoas coloquem em suas casas bacias com água e toalhas molhadas. As crianças devem usar hidratantes, e ingerir alimentos leves.

Terminada a seca, a população deveria ficar aliviada. Mas não é o que acontece. No fim do ano as chuvas começam a se intensificar e prosseguem assim até fevereiro. Com a água chegam outras infecções, como a diarreia, e a unidade pediátrica volta a ficar lotada. Tudo é consequência da falta de saneamento básico e de infra-estrutura. “São doenças do Terceiro Mundo”, arremata o médico.